

DAS CARTAS E ATAS AOS E-MAILS E PERIÓDICOS ON-LINE

Maria Fernanda Marques Fernandes
doutoranda HCTE/UFRJ
fernanda.marques@gmail.com

Quais fontes seriam utilizadas por um historiador do futuro que se dispusesse a estudar a história da ciência de hoje? Ele precisaria, certamente, se debruçar sobre documentos criados em formato digital e oriundos do ciberespaço. Analisar tal questão é um dos objetivos deste trabalho, que visa também apresentar um panorama das transformações sofridas pelas fontes históricas, refletir sobre como estas fontes são impactadas pelas novas tecnologias, especialmente a internet, e avaliar em que medida o jornalismo poderia auxiliar a história em relação ao uso de novos documentos.

Uma fonte considerada excelente pelos historiadores do passado pode ser rejeitada pelos historiadores do presente e vice-versa. *“Se concluímos que não existe um fato histórico eterno, mas existe um fato que consideramos hoje um fato histórico, é fácil deduzir que o conceito de documento siga a mesma lógica. Fato e documento histórico demonstram nossa visão atual do passado, num diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas”* (KARNAL e TATSCH, 2009).

Houve um tempo em que o historiador se debruçava somente sobre documentos escritos oficiais na busca da verdade. Atualmente, documentos não escritos (como fotografias e testemunhos orais) e até fontes notadamente artísticas e ficcionais (como textos literários e cinema) têm sido levados em conta pelo historiador na construção de uma verdade.

Hoje, corre-se o risco de acreditar que qualquer coisa pode servir de fonte e qualquer versão do fato é válida. Ainda que não exista uma única verdade, ainda que variadas fontes falem ao historiador, ainda que subjetividades perpassem qualquer fonte ou atividade humana, ainda que o real seja apreendido de formas diversas, ainda que as obras de ficção revelem muito sobre os modos de agir e pensar da sociedade que as produziu, não se pode simplesmente tomar o falso pelo verdadeiro, igualar fantasia e realidade. *“Se a própria distinção entre verdadeiro e falso for abandonada como uma curiosidade insignificante do passado, estaremos, certamente, diante de um perigo mais sutil e corrosivo, pois – no plano mais simples da vida – os mentirosos não terão nada a provar e os defensores da verdade não terão sequer uma causa para questioná-los”* (SALIBA, 2009). O historiador não pode abrir mão da confiabilidade e autenticidade de suas fontes; precisa colocar suas fontes “contra a parede”; não deve abdicar de um método com reprodutibilidade. Por isso, fontes históricas emergentes – como e-mails, chats, torpedos de celular, blogs, perfis no Orkut e vídeos do Youtube – terão um difícil caminho pela frente até que sejam incorporadas pela academia.

Historiadores da ciência sempre vão se deparar com novos tipos de fonte. Não há como escapar. Se o modo como os cientistas trabalham, se relacionam e comunicam seus resultados muda, então os registros e vestígios deixados por eles também mudam. A correspondência de cientistas foi, é e continuará sendo valiosa para historiadores da ciência, mas mudam os formatos desta correspondência: desde antes do surgimento das primeiras revistas científicas, no século XVII, cientistas trocavam cartas; hoje, trocam e-mails e estes, portanto, constituem fonte de interesse para o historiador.

SILVA e REGO (2007) perguntaram aos responsáveis por laboratórios de instituições de pesquisa se eles preservavam seus e-mails profissionais. As respostas incluíram categorias

como “o e-mail é descartado quando contém informações pontuais e imediatas”, “o e-mail é preservado por um tempo, depois é deletado”, “o e-mail não é preservado” e “não há procedimentos”, demonstrando que informações potencialmente importantes para o historiador da ciência se perdem. Mesmo nas ocasiões em que os responsáveis pelos laboratórios disseram preservar determinados e-mails, o modo como estes eram armazenados não garante que a correspondência eletrônica estará disponível para o historiador da ciência.

Os periódicos científicos, principais veículos para a publicação de pesquisas originais, também constituem matéria-prima para o historiador da ciência. Na atualidade, uma tendência já se fez notar: a transição dos periódicos do formato impresso para o on-line. Há periódicos que existem exclusivamente no ciberespaço, abandonando de vez o suporte de papel. Eles podem sair do ar, sem deixar vestígios, ou modificar seu conteúdo original, de modo que um artigo lido hoje na tela do computador pode estar diferente amanhã, sem que o leitor seja avisado.

A informática já alterou profundamente a relação do cientista com seu artigo, mesmo quando este se destina a um periódico com versão em papel. O cientista escreve o artigo no computador, usando um programa de edição de textos, e submete o trabalho ao periódico por e-mail ou via formulário eletrônico, disponível no site da revista. Então, os membros dos conselhos editorial e científico do periódico, bem como seus consultores externos, comunicam-se através do computador para avaliar o artigo e é também através do computador que notificam o cientista se seu trabalho foi ou não aceito. Se o periódico solicita reparos no artigo – e frequentemente isso acontece –, o cientista modifica o arquivo original no computador e envia a nova versão eletronicamente, deflagrando um novo ciclo de contatos virtuais. Ao final desses ciclos, se o cientista tem êxito, um artigo – muitas vezes bem diferente do inicialmente proposto – ganha existência em papel. Essa versão final, em papel, fica “para a posteridade”, enquanto as versões intermediárias, bem como a correspondência eletrônica entre conselheiros, consultores e autores, podem ser deletadas ou esquecidas num HD – com prejuízo para a história da ciência, que pode perder registros de polêmicas científicas e de embates entre teorias hegemônicas e visões alternativas.

A web mudou não só o modo como os cientistas publicam seus artigos: ela mudou também o modo como eles realizam suas pesquisas. Os hiperlinks fazem com o que o cientista “pule” de um artigo para outro rápida e incessantemente. Dessa forma, o cientista tece uma gigantesca “colcha de retalhos de ideias”, que aponta para o pluralismo de autores por trás de cada pesquisa e para a impossibilidade de identificação de todos eles: a “colcha” jamais poderá ser reconstruída, pois a não-linearidade do hipertexto faz com que cada leitura na internet seja única e irreproduzível. Além disso, com a internet, a disseminação dos resultados das pesquisas tornou-se menos dependente dos periódicos, estejam eles on-line ou não. Cientistas podem, por exemplo, publicar seus trabalhos em sites pessoais ou blogs, sem precisar da aprovação de conselheiros e consultores.

A comunicação informal tem importante papel na comunicação científica e a internet pode favorecer a troca de experiências e a colaboração entre cientistas, conferindo maior agilidade às interações, rompendo as barreiras da distância e mesmo dissolvendo hierarquias. As comunidades virtuais de pesquisa – redes eletrônicas de comunicação interativa envolvendo cientistas com interesses comuns – configuram-se como “*a nova arena para produção, circulação e apropriação de sentidos*” (MACHADO e REIS, 2007). Essas comunidades, portanto, constituem mais um grande desafio para historiadores da ciência.

Outro desafio se refere às fontes biográficas, em relação às quais “*deve-se atentar para os condicionamentos sociais do biografado, o grupo ou grupos em que atuava, enfim, todas as redes de relações pessoais que constituíam seu dia-a-dia*” (BORGES, 2010). Essa lição pode e deve ser levada para o campo da internet e das redes sociais que nela se estabelecem. Se um pesquisador mantém um perfil no Orkut, pode-se investigar as

comunidades a que ele pertence, quem são seus “amigos”, as mensagens trocadas etc. Se o pesquisador mantém uma conta no Twitter, pode-se verificar quem ele “segue” e quem são seus “seguidores”, que tipo de informação rápida ele compartilha etc.

A internet pode subverter até a história oral. O ciberespaço possibilita a realização de entrevistas bastante diferenciadas, por exemplo, através de chats. Imagine que um cientista seja convidado a apresentar sua pesquisa num chat. Todos os internautas que “entram” na sala virtual de bate-papo são entrevistadores em potencial. Todos podem “falar” com todos ao mesmo tempo. Eles podem manter diálogos paralelos e fugir da temática inicialmente proposta. Devido à falta de ordenação, o documento eletrônico resultante de um chat será distante de um diálogo normal e parecerá desprovido de sentido, com muitas lacunas informativas. Mas não se pode negar que os chats exemplificam bem a polifonia característica da internet, em oposição ao antigo monólogo da autoridade. Diferentes vozes ganham visibilidade no ciberespaço. Munida de um aparelho de celular com câmera e de um computador com acesso à internet, qualquer pessoa pode gravar um vídeo caseiro e publicá-lo no Youtube.

Historiadores, com frequência, advertem que uma pesquisa não deve se basear em um único tipo de fonte e que a combinação de diferentes fontes tende a produzir resultados mais consistentes. Essa recomendação certamente também se aplica ao uso das novas fontes, mas os historiadores ainda não sabem exatamente como abordá-las e precisam adaptar ou criar metodologias para o estudo dos novos documentos. Tão ou mais urgente do que isso é o desenvolvimento de estratégias que assegurem a preservação desses novos documentos, que têm sido descritos como efêmeros, temporários, mutáveis, voláteis, instáveis etc. Esse problema já começou a ser discutido por entidades como Unesco e Conarq. Além disso, tão importante quanto a preservação é a gestão de eliminação de documentos digitais. Arquivos digitais podem ser facilmente deletados, mas também é grande o risco de ficarem guardados sem necessidade, gerando um acúmulo de “lixo” eletrônico.

Considerando-se que as novas tecnologias de informação e comunicação fazem parte do cotidiano das redações jornalísticas, então, talvez, o diálogo com os jornalistas poderia ajudar os historiadores a se aproximarem das novas fontes. O ciberespaço é um lugar onde, além de circularem notícias, os jornalistas fazem levantamento de pautas, pesquisa e apuração. *“O que a imprensa descobriu é algo que as agências de empregos já descobriram faz tempo: em se tratando de jovens nessa faixa etária [30 e poucos anos], uma busca no Google vale muito mais do que levantar a ficha na Polícia Federal”* (ALMEIDA, 2004).

As novas tecnologias afetaram toda a produção jornalística. Com a internet, emergiram novas fontes históricas, assim como novas fontes jornalísticas – os repórteres, cada vez mais, não se limitam a ouvir especialistas e fontes oficiais. *“A novidade do jornalismo digital reside no fato de que, quando fixa um entorno de arquitetura descentralizada, altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes porque concede a todos os usuários o status de fontes potenciais para os jornalistas”* (MACHADO, 2002).

Entretanto, a rotina acelerada do jornalista traz limitações importantes, como o risco de uso pouco criterioso e superficial das novas fontes, sem contextualizá-las nem cruzá-las com outros documentos. Outro problema é que, com acesso fácil a um leque ampliado de fontes no ciberespaço, o jornalista pode acabar se descuidando e negligenciar as fontes clássicas. Ressalta-se, ainda, que o método do jornalista não necessariamente segue a lógica da reprodutibilidade – se um repórter concorrente tentar produzir matéria similar e não conseguir, por falta de acesso às fontes, isso pode até ser encarado como vantagem. Mesmo assim, guardadas as devidas diferenças e especificidades de cada profissão, um diálogo mais próximo entre jornalistas e historiadores poderia ser proveitoso para ambos.

- ALMEIDA, Alexandre Cruz. *A imprensa descobre o Orkut*. Observatório da Imprensa, 3/8/2004, <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=288ENO001>, acesso 31/10/2010.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- KARNAL, Leonardo e TATSCH, Flavia Galli. *Documentos e História: A memória evanescente*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2002, <http://www.bocc.uff.br/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>, acesso 31/10/2010.
- MACHADO, Rejane e REIS, Maria Elisa Andries dos. *Comunidade virtual de pesquisa: nova arena da comunicação científica*. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez 2007.
- SALIBA, Elias Thomé. *Pequena história do documento: Aventuras modernas e desventuras pós-modernas*. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Maria Celina Soares de Mello e e REGO, Vera Lúcia da Ascensão. *Preservação de correspondência: o e-mail em laboratórios científicos e tecnológicos*. Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun. 2007.